
ESCOLA E LUTA DE CLASSES NA CONCEPÇÃO MARXISTA DE EDUCAÇÃO

ESCUELA Y LUCHA DE CLASES EN LA CONCEPCIÓN MARXISTA DE LA EDUCACIÓN

SCHOOL AND CLASS STRUGGLE IN THE MARXIST CONCEPTION OF EDUCATION

Nereide Saviani¹

Resumo: Na concepção marxista, a educação é inerente ao processo de desenvolvimento humano. A escola, por sua vez, surge no contexto das sociedades de classes, como um privilégio da elite. Sua expansão para o povo se dá nos limites da formação de mão de obra e da difusão dos valores dominantes, de acordo com os interesses dos proprietários dos meios de produção. Porém, como espaço de luta de classes, reflete as relações conflituosas entre dominantes e dominados e a luta incessante dos trabalhadores contra a exploração e a opressão.

Resumen: En el punto de vista marxista, la educación es inherente al proceso de desarrollo humano. La escuela, a su vez, ha nacido en el contexto de las sociedades de clases, como un privilegio de la élite. Su expansión a la gente se lleva a cabo dentro de los límites de la formación de mano de obra y la difusión de los valores dominantes, de acuerdo con los intereses de los propietarios de los medios de producción. Sin embargo, como un espacio de lucha de clases, ella refleja las relaciones conflictivas entre dominantes y dominados y la incesante lucha de los trabajadores contra la explotación y la opresión.

Abstract: In the Marxist view, education is inherent in the process of human development. The school, in turn, was born in the context of class societies, as a privilege of the elite. Its expansion to the people is carried out within the limits of manpower training and the dissemination of dominant values, according to the interests of the owners of the means of production. However, as a space for class struggle, it reflects the conflicting relations between rulers and ruled and the ceaseless struggle of workers against exploitation and oppression.

A produção marxista sobre Educação

Marx e Engels não escreveram especificamente sobre educação, mas é inegável sua contribuição nesse campo, com reflexões importantes, que serviram de base para a luta pela educação do proletariado, já no seu tempo e, por sua influência, em momentos posteriores, à luz da produção de outros autores marxistas. Tais reflexões são encontradas, principalmente, nas seguintes obras: *Manifesto do Partido Comunista* – Marx & Engels, escrito em 1848; *Ideologia Alemã* – Marx & Engels, 1845/1846; *Instruções aos Delegados para o I Congresso da Internacional dos Trabalhadores* – Marx & Engels, 1866; várias passagens de *O Capital*, em particular no 1º volume – Marx, 1867; *Crítica ao Programa de Gotha* – Marx, 1875. Além de cartas e discursos diversos. O principal conteúdo dessas contribuições é a crítica à educação burguesa (como concepção e como prática). Essa crítica tem por corolário o vislumbre de uma educação que supere as contradições do conteúdo e das formas educacionais então predominantes. Entre os temas por eles abordados, destacam-se: as condições de trabalho e de instrução das crianças trabalhadoras do século XIX; o papel do Estado na educação; o princípio da união entre escola e trabalho; ideais das revoluções burguesas(ensino universal, público, gratuito e obrigatório); a laicidade do ensino; a escola única.

Lênin também não escreveu especificamente sobre educação, porém já tratou mais diretamente sobre o assunto, sob as seguintes abordagens: crítica à educação burguesa; denúncia à precária situação da educação dos trabalhadores (na Rússia e em outros países); exame de desafios a enfrentar (analfabetismo / alfabetização; ensino e trabalho produtivo; organização de bibliotecas; a imprensa a serviço da educação; os manuais escolares; tarefas da juventude; formação do magistério; as escolas por nacionalidades / questões de idioma...); discussão de princípios, diretrizes e propostas para a educação comunista; análise das experiências pedagógicas, dos movimentos estudantil e docente, da relação da educação com outras esferas da vida social (o trabalho produtivo, a comunicação, a política, o papel do Estado, do Partido...). Vários temas educacionais aparecem com muita frequência em discursos e artigos², dada sua obstinada preocupação com a formação do “homem novo”, numa sociedade de novo tipo. Para citar os mais recorrentes: questão nacional (nacionalismo / internacionalismo); emancipação dos trabalhadores; Estado e Luta de Classes; Estado e Religião / Igreja; Desenvolvimento social e cultural; Desenvolvimento científico e tecnológico; Cultura – Cultura Nacional – Cultura Proletária.

Na mesma direção, encontramos as obras de Antonio Gramsci, comunista italiano cuja produção, contemporânea à de Lenin, se aprofunda em aspectos da formação do trabalhador, na perspectiva da escola unitária. Nos Cadernos e Cartas escritos no seu longo período de reclusão encontram-se importantes formulações que têm servido de referência à luta pela escola de qualidade que, ainda nos marcos do capitalismo, combata os vícios da visão burguesa de educação e constitua as bases para uma escola de tipo superior, alcançável na sociedade socialista. Entre os temas que desenvolve, merecem destaque: o trabalho como princípio educativo, o papel dos intelectuais, a questão da cultura (Gramsci, 1968).

A discussão de questões pedagógicas encontra subsídios importantes na produção de psicólogos soviéticos, como Vygotsky, Leontiev e colaboradores, sobre a formação social da mente e o papel mediador da escola na formação dos processos mentais superiores (Vygotsky, 1984).

No Brasil, grupos de estudos formados em partidos políticos, fundações e outras entidades têm ensejado a produção de trabalhos na perspectiva marxista, também sob a forma de crítica à escola no capitalismo e de propostas para a superação. Registra-se, ainda, em algumas universidades, a existência de grupos de pesquisa que abrigam interessados em conhecer e desenvolver a concepção marxista de educação, com destaque para o HISTEDBR (Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp (<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>). Dermeval Saviani é um de seus principais expoentes, formulador da *Pedagogia Histórico-Crítica*, de base marxista (Saviani, 2003).

Contribuições marxistas para o debate educacional

Na concepção marxista, a educação é inerente ao processo de desenvolvimento humano. A escola, por sua vez, surge no contexto das sociedades de classes, como privilégio das elites. Sua expansão para o povo se dá nos limites da formação de mão de obra e da difusão dos valores dominantes, de acordo

com os interesses dos proprietários dos meios de produção. Porém, como espaço de luta de classes, reflete as relações conflituosas entre dominantes e dominados e a luta incessante dos trabalhadores contra a exploração e a opressão.

A consolidação do espaço urbano-industrial, com o avanço do modo de produção capitalista, trouxe consigo a necessidade de formação das massas trabalhadoras no tocante à inculcação dos valores da ordem burguesa, à difusão dos conhecimentos básicos para a participação na vida da cidade, à formação da mão de obra industrial. Tais objetivos, colocados pela burguesia, imbuíam-se, inicialmente, da preocupação com a normatização do ensino (organização em níveis, estabelecimento de regras para passagem de um a outro), sob o controle do Estado. Surge, com o tempo, a idéia de escola única (articulação de ramos e modalidades de ensino), organizada num sistema nacional de educação. Com a consolidação do capitalismo, a burguesia, já conservadora, recompõe seu discurso, na defesa da escola única, mas diferenciada, num sistema dual, isto é: composto de uma base comum, para todos; bifurcando-se em caminhos diversificados, de acordo com as potencialidades dos educandos para, de um lado, prosseguir rumo à formação de nível superior (no âmbito das ciências, das humanidades, das artes, da literatura) e, de outro, voltando-se para a capacitação técnica, as atividades industriais, agrícolas, comerciais que exigiriam, quando muito, estudos de nível médio³. Uma, para formar o dirigente, outra, nos limites da formação de mão de obra e para o conhecimento das regras de escolha dos dirigentes. Porém, a proposta de universalização da educação transformou-se em bandeira de forças políticas ligadas aos interesses populares: a reivindicação de uma mesma escola para todos, que viria a ser a *escola única do trabalho*⁴. É Marx quem vai precisar melhor essa exigência, na sua *Crítica ao Programa de Gotha*, ao condenar a idéia, contida no programa do Partido Operário Alemão, em 1875, de “educação popular a cargo do estado”. Enfatizando:

Uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos para as escolas públicas, as condições de capacitação do pessoal docente, as matérias de ensino, etc, e velar pelo cumprimento dessas prescrições legais mediante inspetores do Estado, como se faz nos Estados Unidos, e outra coisa completamente diferente é designar o Estado como educador do povo! Longe disso, o que deve ser feito é subtrair a escola de toda influência por parte do governo e da Igreja. (Marx, s/d, p. 223).

Com isso, Marx propugna a necessidade de definição das responsabilidades do Estado em relação à educação – na construção, manutenção e desenvolvimento das escolas – as quais, no entanto, devem se exercer sob o controle e a fiscalização dos trabalhadores, organizados. Suas considerações orientam o movimento operário no sentido de, ainda que admitindo ser impossível (e ingênua) a proposição de uma mesma escola para capitalistas e trabalhadores, lutar pela escola para todos, pública e gratuita, edificada a partir de diretrizes comuns, com professores capacitados a propiciar a apropriação da cultura em suas múltiplas manifestações e com possibilidade de acesso, pelos trabalhadores, aos seus diversos níveis, ramos e modalidades. E, em perspectiva, numa sociedade de tipo superior, a construir a *escola única do trabalho*, defendida por Lênin, tendo suas bases explicitadas por Krupskaja, Pistrak, Makarenko e outros educadores socialistas. Também se contrapondo à escola de classes, temos a visão de *escola unitária*, tal como definida por Gramsci, num “referencial de construção de uma nova hegemonia de classe, [que] é fundamental dentro da perspectiva de um projeto de construção de uma sociedade

socialista” (Machado, 2003. p. 6), e cujas bases devem ser forjadas no curso da luta pela superação do capitalismo:

Queremos a escola unitária que supere a divisão reproduzida por essa escola dividida. Para tanto é importante considerar as diferenças culturais, étnicas, de gênero; elas existem objetivamente, mas não podem se estabelecer para reproduzir as desigualdades sociais. Quando isso ocorre, a classe dominante está tirando proveito das diferenças para exercer a dominação. A crise atual da escola passa por essa agonia, pelo acirramento dessa divisão, e, ao trabalharmos com o conceito de escola unitária, na verdade estamos trabalhando com o cerne da crise atual da escola e da crise da sociedade capitalista, porque estamos mexendo no núcleo fundamental da contradição, que é o aprofundamento da divisão social do trabalho em todos os níveis, divisão que se dá a partir da radicalização da apropriação privada dos produtos da ciência, da tecnologia, e da própria separação entre a escola e o mundo do trabalho, entre a produção e a ciência. (Ibidem, p. 5).

Escola e Luta de Classes

Não é a escola quem cria as diferenças de classes e ela não tem o poder de eliminá-las. Isto exige a ação revolucionária das classes trabalhadoras. Porém, como toda instituição, a escola é um espaço contraditório, reflete a luta de classes que se dá na sociedade: a luta incessante dos trabalhadores contra a exploração e a opressão. Numa escola democrática, essa luta não deve ser camuflada, mas explicitada, com o desvendamento de suas origens e de sua configuração atual, e a reflexão sobre como se dá a exploração e sobre perspectivas de sua superação. Eis porque o princípio norteador dessa escola há de ser o trabalho humano, enquanto prática social, portanto, histórica. Seu conteúdo, a politecnicidade, a formação omnilateral, multifacética da personalidade, abrangendo o homem integral, no domínio, não só dos conhecimentos, mas também da atividade criadora, dos hábitos, habilidades, atitudes, nos aspectos físico, mental e afetivo. Isto supõe educação básica e geral, formação ampla, científica, literária, artística, ética, acompanhando o avanço científico-tecnológico e com base nas práticas sociais concretas. Requer a fundamentação científica das modernas técnicas de produção. Exige o acesso aos núcleos básicos tanto das *ciências naturais* (que ajudam a compreender o desenvolvimento do universo, a origem da vida, a evolução humana, as leis que regem o desenvolvimento da indústria moderna e da alta tecnologia contemporânea), como das *ciências sociais* (que ajudam a compreender como os homens se relacionam entre si e com a natureza, as peculiaridades dos processos produtivos, como se dá a divisão do trabalho, a repartição dos bens produzidos, como se formam e se consolidam os sistemas de normas e valores, sob quais formas os homens se organizam na defesa de seus interesses, como se dão as relações de poder...). E, ainda, as *ciências do pensamento* (que ajudam a compreender como o indivíduo se apropria da cultura humana, como se desenvolvem a subjetividade, a criatividade, a criticidade).

Assim concebida, essa formação multifacética exige a articulação dos conteúdos enquanto totalidade, superando-se a fragmentação e a dissociação das disciplinas, por uma metodologia que contemple a unidade teoria-prática, a articulação entre: pensamento e ação; trabalho e escola; escola e vida social. Ou seja, ensino consciente e ativo, problematizador, que amplie os horizontes culturais, negando o praticismo e o academicismo, combinando aspectos gerais com a adequação às especificidades. Para

empreender tal formação, a escola deve estruturar-se num sistema nacional de educação, com ordenamento graduado e interrelacionado dos níveis e ramos do ensino, articulado vertical e horizontalmente, com mecanismos democráticos de passagem de uns para outros. Que combine centralização com descentralização, normatização e fiscalização com autonomia e liberdade, formação geral com formação profissional (não restringindo esta última a mero adestramento ao mercado de trabalho).

Ao considerarmos toda a produção de Marx e Engels a respeito da formação do homem – o que é tornar-se humano (*a hominização*) – observamos que a educação está necessariamente presente, ainda que não tratada especificamente como tal. Está na discussão do significado da relação do homem com a natureza e com os outros homens: o fato de o ser humano distinguir-se de outros animais pela necessidade de produzir de forma consciente a sua existência e ser capaz de apropriar do que é feito por outros seres humanos, comunicar-se, deixar o seu legado a outras gerações. Em suas obras, nas passagens em que aparece a questão da educação, estão colocadas as balizas para a elaboração de uma concepção de educação, de escola e de pedagogia, que, aí sim, diversos autores marxistas vão trabalhar: seja no aprofundamento e na atualização da crítica à educação burguesa; seja em situações de concretização da perspectiva de construção de uma escola socialista.

As questões essenciais dessas reflexões: escola única, no sentido de trabalhar aquilo que é o legado da humanidade, possibilitar a apropriação desse legado por todos, com a consciência de que, numa sociedade de classes, essa é uma luta constante e que a escola, portanto, precisa ser fiscalizada e controlada pelos trabalhadores organizados. Uma educação politécnica, no sentido de trabalhar os fundamentos das modernas técnicas de produção – e aí entra o sentido da tecnologia, que é comumente tratada como simples aplicação da ciência, quando, na perspectiva marxista, tecnologia é a técnica fundamentada cientificamente – tanto quanto uma prática social.

O que é o conhecimento, senão o conhecimento da prática? O que é a prática, senão a intervenção do ser humano na realidade? Para Marx, essa intervenção é o trabalho, nas relações que as pessoas estabelecem entre si e com a natureza, produzindo as formas de existência. O que caracteriza o ser humano é sua capacidade de produzir e reproduzir as formas de existência; ele o faz criando instrumentos, e esses instrumentos são cada vez mais elaborados, complexos, sofisticados. E os seres humanos o fazem se comunicando, criando símbolos, criando representações, registrando-as e transmitindo-as – o que, no mundo de hoje, se dá de forma bastante avançada. Na perspectiva marxista, isso se explica pela relação entre existência material e consciência social.

Um aspecto muito importante para o tratamento das questões pedagógicas é a compreensão de como se dá a formação social da consciência humana. O indivíduo se torna ser humano na relação com outros seres humanos; uma criança criada sem nenhum ser humano por perto não aprende a falar, mesmo tendo os órgãos fonadores perfeitos. É na relação com outros seres humanos que a humanidade – ou a hominização – se dá historicamente, e a compreensão da formação social da consciência é uma produção teórica marxista. Entender o processo pedagógico a partir daí é fundamental, e nós encontramos nas

concepções pedagógicas as grandes polêmicas, as falsas polêmicas e as polêmicas silenciadas, que têm a ver com modos diferentes de se encarar o desenvolvimento do indivíduo, e a maneira como o indivíduo forma a sua consciência e forma processos mentais superiores. Nessas questões, temos a contribuição de Vygotsky, Leontiev e colaboradores, de base marxista, um trabalho que dá consequência ao processo pedagógico, entendendo essa questão da formação da consciência, da formação das funções psíquicas superiores, como sendo algo social e, portanto, necessariamente mediado.

A concepção materialista-histórica de escola, a pedagogia marxista, não admite visões espontaneístas do desenvolvimento da consciência e, portanto, da aprendizagem. Nessa concepção, a escola é elemento imprescindível de mediação entre aquilo que o sujeito consegue fazer sozinho e aquilo que só consegue fazer com a ajuda de pessoas mais experientes, de gerações que se apropriaram de parte do legado de que a humanidade dispõe. A educação, no sentido mais amplo, significa o modo como a sociedade se organiza para possibilitar aos seus membros o acesso ao patrimônio legado pela humanidade àquela época. E a escola é uma instituição especial para fazer isso de forma sistematizada, e fazê-lo em relação à apropriação dos elementos complexos da cultura, dos elementos que exigem interpretação, organização, sistematização e, portanto, para ser apreendidos, precisam do auxílio das pessoas que tiveram, à sua época, a oportunidade de se apropriar deles de forma sistematizada.

Para Vygotsky, a educação é fundamental no processo de formação humana e a escola tem esse caráter mediador, o professor tem o papel de mediação entre o conhecimento elaborado, os elementos da cultura, e a sua apropriação pelos sujeitos nas diferentes fases do seu desenvolvimento. Nesse sentido, a transformação social se dá com a contribuição de diversos aspectos da luta social, e a escola é um espaço que pode propiciar elementos nessa luta pela transformação da sociedade. Ela tem seus limites, mas também tem suas possibilidades; para a concepção materialista-histórica, a possibilidade está em a escola exercer exatamente essa função mediadora, de possibilitar essa apropriação consciente, o que supõe trabalhar os diversos elementos da cultura de forma sistematizada.

A educação escolar é a manifestação da educação no sentido mais amplo, enquanto uma esfera especial da atividade humana, e seu campo principal é o ensino. Segundo essa visão, o ensino tem caráter científico, é processo consciente, deliberado, sistemático, metódico. Mas a escola tem caráter de classe, portanto é ilusório considerar possível a neutralidade na definição dos conteúdos curriculares, porque eles são carregados de marcas ideológicas e têm conteúdos de classe. É necessário que o educador tenha consciência disso para trabalhar as diferentes concepções, possibilitar aos alunos sua apropriação crítica e desenvolver a luta de ideias, porque o conhecimento se forma e avança no debate, na polêmica. Pensar que é possível estabelecer uma relação pedagógica sem conflitos é ilusão: na perspectiva marxista é ingenuidade, porque a escola é espaço de luta de classes e a produção do conhecimento se dá na luta de ideias, que é também uma manifestação da luta de classes.

Nas sociedades modernas, a escola é a instituição privilegiada para trabalhar valores, conhecimentos e técnicas de forma sistematizada, e, principalmente para as populações trabalhadoras, ela é, não raro, o único instrumento para essa formação.

A valorização da escola como espaço de formação integral da personalidade é outro aspecto do legado marxista, que nos leva a defender, no âmbito do próprio capitalismo, uma educação afinada com a concepção socialista: no curso da luta pela superação do capitalismo, a defesa de uma escola que se empenhe nesse processo de formação omnilateral da personalidade.

A idéia de escola unitária, nessa perspectiva, com essa fundamentação, é a visão de uma escola para o futuro, em uma sociedade que propicie condições de acesso aos múltiplos elementos culturais. No entanto, ela pode ser construída dentro dos marcos do capitalismo, e é nesses marcos que ela tem que ser elaborada. Escola única porque não se trata de várias escolas, há várias modalidades de ensino, ramos, níveis, graus, mas dentro de uma mesma esfera, que é a esfera da educação escolar. O sistema único de educação seria essa articulação dos níveis, dos graus, das modalidades e também das diferenças regionais, das diferenças locais etc. Não é a ideia de único no sentido de uniforme, tudo igual; é a ideia de articulação, de coerência, de ligação, aquela visão dialética de unidade na diversidade. Evidentemente, sem a ingenuidade de pensar que seja única no sentido de ser harmônica, sem conflitos, sem contradições.

Em defesa da Escola Unitária

Todas essas exigências (a formação multifacética, a relação dialética teoria-prática, a estruturação num sistema nacional de educação) definem o caráter unitário de uma escola democrática: ESCOLA UNITÁRIA – a que busca unidade, não a uniformidade. Nada tem a ver com a escola “única” da proposta liberal-burguesa ou de sua versão, recomposta, de “escola única diferenciada”. É parte integrante da proposta socialista de *escola única do trabalho*, só possível à medida que forem eliminadas as condições geradoras da diferenciação e da desigualdade social, realizável na sociedade sem classes. ESCOLA UNITÁRIA – a escola da sociedade socialista, em que é possível tomar as medidas para o encurtamento das distâncias entre trabalho manual e intelectual, trabalho do campo e da cidade, trabalho do homem e da mulher... E tantos outros antagonismos da sociedade capitalista.

Essa escola democrática é, pois, realizável em outro tipo de sociedade, mas precisa ser gestada desde já: nos marcos do velho regime, criando-se as condições para o nascimento do novo. E a quem compete abrir espaço para essas condições? Ao Estado? Não! Por isso mesmo é que a escola pública, na concepção da Escola Unitária, define-se como tal por ser mantida pelo Estado e às suas expensas, mas sob o controle e a fiscalização da população organizada. É nesse sentido que a luta pela democratização da educação, inserindo-se na luta pela democratização da sociedade em seu conjunto, implica batalhar por conquistas as mais diversas, na perspectiva de construção da Escola Unitária.

E nós, que acreditamos ser o socialismo a saída para a exploração capitalista, entendemos ser necessário analisar e corrigir erros e desvios cometidos nas primeiras experiências socialistas vivenciadas no século passado. No tocante à educação e à organização escolar, são inegáveis os avanços alcançados por essas experiências: os países que fizeram a revolução socialista, atrasados, com altos índices de analfabetismo, conseguiram erradicá-lo em pouco tempo e estender a educação básica a todos, elevando o nível cultural de seus povos. Houve, possivelmente, muitas imperfeições e desvios, que precisam ser

profundamente analisados. Problemas os mais diversos, ligados inclusive à própria concepção de socialismo, entrelaçam-se com a inadequada observância prática dos princípios teóricos defendidos. O exame desses problemas, no nosso entender, antes de negar a importância da Escola Unitária, reafirma a necessidade de sua melhor compreensão e de sua efetiva execução. Pois a Escola Unitária é, na sua essência, democrática e, como tal, não pode dar espaço ao totalitarismo, ao burocratismo, ao dogmatismo, ou outros indesejáveis “ismos” que sobre sua concepção vêm pesando.

Enfim, tudo o que aqui se discutiu são questões presentes no esforço de compreensão do que é a educação, numa concepção marxista de escola e de processo pedagógico, viável numa sociedade sem a lógica da exploração, mas que precisa ser forjada ainda no âmbito da sociedade de classes.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 2. ed., 1985.
- BAUDELOT, Christian & ESTABLET, Roger. **La Escuela Capitalista**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1986.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LENIN, Wladimir Ilich. **Sobre a Educação**. Lisboa: Seara Nova, 1977. [2 vols.]
- _____. **La Instrucción Pública**. Moscú: Editorial Progreso, 1981.
- MACHADO, Lucília Regina S. **Politecnia, Escola Unitária e Trabalho**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- _____. *Concepção de escola, de escola unitária e de politecnia*. Transcrição de exposição em mesa redonda, em seminário da Corrente Sindical Classista. São Paulo, 2003 (digit.).
- MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. In: **Obras Escolhidas de Marx & Engels**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/ d, vol. 2, pp. 203-234.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, Autores Associados, 8ª ed., 2003.
- VYOTSKY, Lev Semanovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Notas

- ¹ Doutora em educação pela PUC-SP. Diretora de Formação da Fundação Maurício Grabois.
- ² O trabalho de “garimpagem” nos 55 volumes das suas *Obras Completas* nos é poupado pela consulta a algumas coletâneas (Lenin, 1977; 1981).
- ³ A respeito deste caráter dual da educação sob o capitalismo, ver, entre outros: Christian Baudelot & Roger Establet (1986) que, ao analisarem a escola capitalista na França, denunciam o sistema PP X SS (primário-profissional *versus* secundário-superior). Ver, também, a discussão sobre a escola como aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1985).
- ⁴ Lucília Machado, no livro *Politecnia, Escola Unitária e Trabalho* (Machado, 1989) apresenta excelente sistematização de propostas de unificação escolar, explicitando as diferenças entre a posição da burguesia, (na origem e nas suas recomposições) e as do movimento operário (de cunhos marxista, anarquista e reformista), discutindo a perspectiva de construção da escola unitária, que tem no trabalho o princípio educativo.